

Maria João – Com o Brasil na voz e no coração

TEXT: FELIPE TADEU

É la é a melhor cantora portuguesa da atualidade. Maria João Monteiro Grancha, nascida em Lisboa em 27 de junho de 1956, é celebrada em festivais de jazz no mundo inteiro como a voz mais privilegiada da terra do fado, sem precisar se dobrar a ele. Acompanhada como de costume pelo marido Mário Laginha, excelente pianista e compositor, Maria João lançou neste ano o álbum *Undercovers*, onde a ousada intérprete canta um repertório que vai de Tom Waits a Beatles, passando por Björk, Sting, Stevie Wonder e Joni Mitchell. A música brasileira se faz presente em nada menos que quatro faixas: *O Quereres*, de Caetano Veloso, *Este Seu Olhar*, de Tom Jobim, *O Marco Marciano*, de Lenine e *Bráulio Tavares e Cantiga* (Caicó), aquele tema folclórico de Villa Lobos que Milton Nascimento já havia gravado para a eternidade em seu álbum *Sentinela*.

Maria João sempre nutriu a maior devoção pela nossa musicalidade, já tendo gravado nos treze títulos de sua discografia canções como *Se Eu Quiser Falar com Deus*, de Gilberto Gil, *O Ronco da Cuica*, de João Bosco e Aldir Blanc, além de *Beatriz e A Bela e A Fera*, ambas de Chico Buarque e Edu Lobo da linda trilha-sonora de *O Grande Circo Místico*. Gravou ainda *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, e no ano de 2000, quando foram comemorados os 500 anos de descobrimento do Brasil pelos portugueses, fez o *Chorinho Feliz*, um disco que é uma verdadeira declaração de amor ao país pandeiro e ao passado africano comum ao Brasil e a Portugal. Maria também já se fez acom-

panhar de músicos brasileiros do quilate de um Toninho Horta, Nico Assumpção e Toninho Ferraguti, dentre outros. E se derrama pela música nordestina!

Em plena turnê europeia de divulgação do *Undercovers*, Maria João prestou uma entrevista exclusiva para *Tópicos*, quando estava de passagem por Darmstadt, Alemanha.

Tópicos: Como tem sido a turnê do disco *Undercovers*? Há muito estranhamento por parte do público aficionado por jazz diante deste repertório mais pop?

Maria João: A receptividade tem sido muito boa, ótima até. As pessoas estão reagindo muito bem, se surpreendendo um pouco com as canções do disco, mas saem todos bastante felizes dos nossos concertos.

Tópicos: Quem olha o itinerário deste giro europeu de *Undercovers* percebe que você é muito querida na Alemanha.

Maria João: Sim, ela é uma espécie de nosso segundo país. Foi o lugar onde tocamos mais em nossa carreira, se podemos falar assim, porque não gosto muito da palavra „carreira“. Foi na Alemanha que conheci as pessoas para fazer os meus discos, as editoras discográficas, os produtores.

Tópicos: Antes de você se embrenhar pelo mundo da música, você se dedicou com afinco ao aprendizado de outros idiomas. Este carinho especial pela Alemanha te fez aprender alemão? Você se imagina cantando nesta língua tão díspare do latim?

Maria João: Eu aprendi alemão na escola, quando estava no Liceu e fui me aperfeiçoando depois por aqui. Eu gosto

da língua alemã, do som dela. Gosto dos sons das ruas, de perceber as pessoas a falar e o ritmo dos sapatos, dos comboios (trens). Meu interesse pelas palavras é por causa do som, o significado só vem depois para mim. Eu já cantei duas vezes em alemão, era uma composição de Aki Takase (pianista japonesa, com quem a cantora já dividiu o palco), já que o marido dela fala o idioma. Mas foi só uma graça minha, pois o meu triângulo musical e das línguas é mesmo África, Portugal e Brasil. É nisso que faço a minha casa. É a minha praia, como vocês dizem no Brasil. A África também tem tantas línguas que eu adoraria saber e cantá-las são muito musicais, muito engraçadas. Em alemão não saberia como fazê-lo.

Tópicos: Tua primeira experiência como cantora foi numa banda de rock...

Maria João: Foi muito no princípio, numa banda de rock/folk. E nunca aconteceu nada com o grupo porque só ensaiávamos! Eu só estive com eles um mês e se ensaiava todos os dias até que cansei-me. Ai abriram a Escola de Jazz do Hot Club e me perguntaram “por que não vais”? E eu fui.

Tópicos: Mas você gostava de rock naquela época?

Maria João: Eu dava aulas de natação àquela altura e fazia aikidô como uma fanática, praticando todos os dias. Eu pensava que seria professora de natação para sempre e que também iria dar aulas de aikidô. Estava muito longe de pensar que iria fazer música, história que me apareceu completamente por acaso. Meu gosto musical nem era muito direcionado. Eu gostava disso, daquilo e daquilo outro. Talvez eu tenha tido muita sorte de ter começado na Escola de Jazz do Hot Club, porque eu me virei totalmente para o jazz. E o jazz é a melhor escola possível, porque é de muita liberdade, de invenção, criatividade, foi ótimo mesmo! Não cheguei a ficar muito tempo na escola, foram só seis meses, mas ao passar a cantar jazz é que tudo se abriu.

Tópicos: É interessante que você, como

Hinweis: In unserer zurückliegenden Ausgabe haben wir beim Artikel über den Musiker **Belchior** (Seite 48) ein missverständliches Bild als Aufmacher ausgewählt. Es handelt sich bei dem Foto nicht, wie zu vermuten, um den Musiker Belchior selbst, sondern um ein Mitglied seiner Band.



▷ **Maria João** – Com o Brasil na voz e no coração

cantora de jazz, foi cair nas malhas da música brasileira por uma via que não foi a bossa nova.

Maria João: Não foi mesmo. Eu acho que têm mais graça os ritmos nordestinos, que eu adoro. Gosto de ouvir bossa nova, mas a acho muito arrumadinha para mim. O nordeste brasileiro tem música mais desarranjada, uma música mais primitiva, com percussão, que eu gosto muito. Adoro Lenine!

Tópicos: Uma provocação: você também acha o português falado pelos brasileiros mais musical do que o de vocês, lusitanos?

Maria João: A música portuguesa exige um maior rigor. Nós inventamos menos, enquanto que os brasileiros brincam mais, inventam mais, como os africanos. Em Portugal há mais rigidez em como se fala o português, mas em Moçambique, por exemplo, há coisas engraçadíssimas como dizer “conseguir” e “desconseguir”. Eu gosto muito do brasileiro pela liberdade que se dá de brincar com as palavras, mas o português de Portugal tem

uma musicalidade muito bonita, uma poesia muito bela.

Tópicos: No álbum *Chorinho Feliz*, lançado em 2000, você realiza a sua maior homenagem à música brasileira, que está presente na maioria de seus discos. O que você acha da repercussão do seu trabalho junto aos brasileiros?

Maria João: Acho que ainda é muito curtiinha, pequenina. O Brasil é muito fechado em si mesmo, está voltado para o seu umbigo. Isso porque há praticamente de tudo dentro do país, que é enorme, com muitos ritmos diferentes. Há bem mais possibilidades para vocês do que para nós portugueses, que somos só dez milhões de pessoas. Só São Paulo já é maior que Portugal! Os brasileiros só escutam a si próprios ou a música americana, penso eu. Não acho que o Brasil dê muita atenção à música europeia. Mas quanto à receptividade do público, somos sempre incrivelmente bem recebidos, porque o calor humano que vocês brasileiros têm é especial. E vocês

ficam muito surpreendidos ao saberem que somos portugueses. Agora, eu acho que o nosso trabalho é conhecido na cena musical brasileira, pelo menos bem mais que pelo público.

Tópicos: Você andou fazendo shows no Brasil ao lado de Gilberto Gil. Que recordações você traz desta experiência?

Maria João: Fiz uma apresentação com ele na Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, para cerca de 70 mil pessoas e uma no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, onde tivemos perto de cem mil espectadores. Foi uma coisa assustadora que eu amei, ameei! Uma das coisas que mais gostaria de fazer na minha vida era uma boa turnê pelo Brasil.

Tópicos: Foram as maiores platéias da tua carreira?

Maria João: Não, eu tive uma vez um público enorme na Itália, com cerca de um milhão de pessoas.

Tópicos: Você já afirmou diversas vezes na imprensa que duas das cantoras que mais te entusiasmaram foram Elis Regina e Flora Purim. Mas há quem veja alguma semelhança do teu trabalho com a música de Teté Espíndola. Você a conhece?

Maria João: Conheço sim. Ela me telefonou muitas vezes para que fizéssemos qualquer coisa juntas. Ela gostaria de vir a Portugal cantar comigo e eu de ir mais ao Brasil. Eu só conheço um disco de Teté, mas gostei imenso mesmo.

Tópicos: No disco *Chorinho Feliz*, Gilberto Gil aparece cantando em xangana na faixa O Chão da Terra. Como é que foram os preparativos para que Gil cantasse neste idioma africano?

Maria João: Ele teve que decorar, não teve outro remédio (risos)! Eu ia dizendo frase por frase para que ele cantasse, tudo no estúdio. Eu já havia mandado o texto para ele, mas ele não pode decorar antes.

Tópicos: E ele cantou direitinho ou escorregou na pronúncia?

Maria João: Falou alguma besteirinha, mas faz parte. Foi só pouquinha besteira (risos).

Tópicos: Um dos maiores ícones da cultura brasileira no estrangeiro é Carmen Miranda, portuguesa de nascimento. O que você acha dela?

Maria João: Conheço muito pouco dela, a vi nos videocassetes do meu filho, ela com o Pato Donald. Eu acho que era com o Pato Donald sim, ela cantando o Tico-Tico no Fubá.

Tópicos: Não teria sido com o Zé Carioca?

Maria João: Exatamente! É só isso o que conheço de Carmen Miranda, é o que devo lhe dizer. ■

Colaboração de Renate Hess

ANZEIGE

matics
ZEITSCHRIFT ZU LATEINAMERIKA, SPANIEN UND PORTUGAL

POLITIK
WIRTSCHAFT
KULTUR
LÄNDERBERICHTE
BUCHREZENSIONEN
TERMINE

PROJEKTGRUPPE MATICES E.V.
Melchiorstr.3 (Alte Feuerwache) | D-50670 Köln
Tel. & Fax: 0221-9727595 | matices@is-koeln.de
www.matics.de